

Sinopse

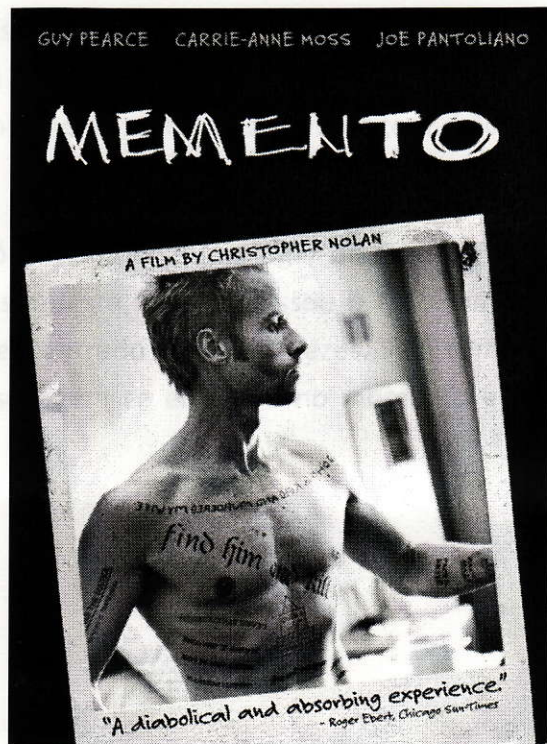
18 (Dignidade) valores

Rui Peuf
6-2-2012

Leonard Shelby, investigador de uma companhia de seguros era um homem comum até à noite que, enquanto ele e sua mulher dormiam, um ladrão invadiu-lhes a casa e violou e matou a esposa de Leonard que, numa tentativa de dominar o assaltante, acabou ele também por ficar ferido com gravidade ao ser empurrado contra a parede. Devido à forte pancada, foi diagnosticado a Leonard amnésia anterógrada. Esta forma de amnésia corresponde à dificuldade ou incapacidade da pessoa se recordar de factos recentes, embora consiga lembrar-se perfeitamente de acontecimentos que se deram antes do trauma cerebral.

Confinado pela ineptidão de formar novas recordações, Leonard começa uma investigação contínua em busca da verdade. Tendo como único objectivo apanhar e punir o homem que matou a sua mulher, utiliza o seu próprio corpo como um bloco de notas onde várias tatuagens o ajudam a lembrar as várias peças do puzzle que vai reconstruindo.

Quando finalmente descobre a verdade, a sua devastada memória não permite que ele se lembre disso, pelo que se mantém nesta busca para sempre.



Reflexão pessoal

É a nossa memória que guarda vários conhecimentos, informações, concepções, factos, encontros, entre outros. E esta herança torna-nos exclusivos, atestando-nos a nossa identidade pessoal. E se agregamos a memória à conservação do passado, cabe lembrar que é devido à memória que organizamos o presente e que é possível meditarmos e projectarmos o futuro.

Fundamental à sobrevivência, é a memória que nos permite, sempre que precisamos, actualizar a informação essencial para dar resposta aos despiques do meio. É por termos memória que não pomos a mão numa chapa em brasa, que não nos chegamos de um animal perigoso, que paramos no semáforo vermelho, etc. Aprendemos a lidar

desafios / obstáculos

com o meio e é a memória que actualiza os procedimentos aprendidos adaptados à situação.

Quase tudo o que fazemos prescreve memória. Indicando o realizador de cinema Luís Buñuel:

"É preciso começar por perder a memória, nem que sejam só fragmentos, para perceber que ela é a essência da vida... A nossa memória é a nossa coerência, a nossa razão, o nosso sentir, até as nossas acções. Sem memória não somos nada..."

Este filme alertou-me exactamente para isto mesmo: a extrema importância da memória para o ser humano. Sem ela não há cognição, não há passado, não há tarefas para hoje ou para amanhã, não há desenvolvimento, não há aprendizagem, não há "eu".

Durante muito tempo subestimado, a memória toma hoje um lugar de soberania no comando das acções humanas. O protagonista desta história passou o resto da sua vida à procura de um homem que já tinha encontrado inúmeras vezes. Sem rumo e totalmente desamparado, é como este personagem se encontra no momento e no futuro.

Ana Palma